

instituição

Rede de investigação dá primeiros passos Que futuro para o têxtil?

Universidade da Beira Interior, Universidade do Minho e Université de Haute Alsace reuniram na Covilhã para debater questões relativas à implementação do Processo de Bolonha nos cursos da área têxtil. Em vista está a criação de uma rede de investigação entre estas instituições de forma a conseguir apoios financeiros para avançar com projectos inovadores de grande envergadura.

Catarina Rodrigues



UBI, Minho e Mulhouse criam rede de investigação na área do têxtil

Como será o futuro do ensino na área do têxtil? Esta foi a questão que reuniu o Departamento de Ciência e Tecnologia Têxtil da Universidade da Beira Interior, o Departamento de Engenharia Têxtil da Universidade do Minho e a Ecole Nationale Supérieure des Industries Textiles de Mulhouse da Université (ENSITM) de Haute-Alsace, em França. As três instituições decidiram unir-se de forma a conseguir financiamento para projectos de investigação.

Manuel Santos Silva, reitor da UBI, sublinha o facto de actualmente existirem "apenas quatro escolas europeias com cursos na área da Engenharia Têxtil", as três instituições envolvidas nesta iniciativa e mais uma, na Alemanha. O reitor lembrou que o próximo quadro comunitário de apoio só apoiará projectos de grande envergadura. "Se conseguirmos fazer uma rede das escolas que estão ligadas ao estudo das fibras têxteis e papelerias, provavelmente seremos capazes de competir com projectos inovadores ao nível da comunidade europeia e ter financiamento para tal", explica. Está assim lançado o desafio que promete apostar na investigação e na inovação.

Para Rui Miguel, presidente do Departamento de Ciência e Tecnologia Têxtil da UBI, este encontro foi "extremamente proveitoso e mostrou escolas com grande vontade de colaborar e cooperar, o que só por si é extremamente positivo". Os departamentos da área têxtil destas três universidades pretendem assim ver concretizados os seus objectivos na área da investigação. Rui Miguel lembra que "há ideias, há áreas de actuação, há trabalhos a ser desenvolvidos, mas é necessário criar condições para que tudo isso se concretize e para isso é preciso financiamento".

Marc Renner, director da ENSITM, mostrou-se "muito satisfeito" com os resultados conseguidos no encontro decorrido na UBI. "Definir uma nova base de cooperação entre as universidades ao nível da investigação é fundamental", refere o responsável. Maria Elizabeth Silva, directora do curso de Engenharia Têxtil da Universidade do Minho, referiu também a importância que esta rede de investigação poderá ter. "Foi muito importante para a Universidade do Minho ter sido convidada para este encontro", sublinha.

Os dados estão lançados

Santos Silva explica que "a situação das três instituições é semelhante ao nível das formações oferecidas". A dificuldade em captar alunos é também um factor em comum. A Ecole Nationale Supérieure des Industries Textiles de Mulhouse está a ultrapassar esse problema, mas tem uma posição estratégica privilegiada. Marc Renner, refere que a Universidade a que pertence "está localizada no coração da Europa, próxima da fronteira com a Alemanha e a Suíça, e esse é um elemento francamente positivo".

Rui Miguel, presidente do Departamento de Ciência e Tecnologia Têxtil lembra que esta instituição francesa é mais antiga do que a UBI e conta com maior experiência acumulada. "fazendo por isso todo o sentido que nos juntemos nestes colóquios para debater ideias". Este responsável acredita que "com novas propostas de formação, mais atractivas, actuais e modernas, que vão ao encontro das necessidades da indústria, é provável que se consigam captar mais alunos".

O encontro que decorreu nos dias 6 e 7 de Fevereiro, no pólo das Engenharias, visou reflectir sobre os passos que devem ser dados no âmbito dos desafios lançados pelo Processo de Bolonha tendo em conta

a necessidade de repensar a formação nesta área à luz da actual conjuntura económica.

Rui Miguel considera que "o ensino universitário não se pode afastar do que está a acontecer no mundo económico". O Processo de Bolonha pede uma mudança de paradigma. A aprendizagem deve ser centrada no aluno exigindo-se um corpo docente qualificado. "Temos condições para avançar e queremos estar no pelotão da frente", sublinha o presidente do Departamento.

Na iniciativa, onde estiveram presentes docentes, representantes das várias instituições e também da indústria têxtil, foi abordado o futuro do sector e foram colocadas questões sobre a duração que devem ter os cursos, a proximidade que devem ter com as empresas e o facto de serem mais ou menos científicos.

Bolonha como pano de fundo

Ao longo do encontro foram apresentados os vários cursos da área têxtil em vigor nas três universidades e as mudanças previstas para breve. A oportunidade foi assim aproveitada para apresentar os vários projectos e investigações em curso, mas também para trocar ideias no âmbito dos desafios lançados por Bolonha.

Marc Renner considera que "o mais importante no processo de Bolonha é a possibilidade de mobilidade dos estudantes por toda a Europa, que será assim facilitada". Rui Miguel diz que a UBI retirou "ideias interessantes" desta iniciativa. "Estamos já a traçar a estratégia do nosso Departamento para a integração em Bolonha", sublinha. Maria Elizabeth Silva explica que "em termos de escola de engenharia, a Universidade do Minho, decidiu implementar o mestrado integrado (5 + 0) e o processo está terminado, a única excepção serão os cursos na área das TIC onde será implementado o sistema 3 + 2". A responsável congratulou-se ainda com "a oportunidade de conhecer o que se está a fazer em França, quer a nível pedagógico quer a nível de investigação".

As três universidades traçaram, neste encontro, projectos e ideias de ligação e estão já a agendar encontros especializados para que efectivamente possam começar a trabalhar em projectos concretos. Rui Miguel acrescenta que este é também "o relançar das relações entre Mulhouse e a Covilhã, que tiveram início há algumas décadas atrás".

ponto de vista

Profissão de Fé na Universidade

> António Bento

Em qualquer Universidade há (ou deve haver...) três espécies de pessoas, a saber: os estudiosos; os estudiosos que são também professores; e os que vêm para ser ensinados, os estudantes. O que distingue uma Universidade é um modo especial de realização da procura do saber e o que a caracteriza é o modo como essa busca se transforma num empreendimento cooperativo. Os primeiros, que procuram o *saber* e não a mera aquisição de *informação*, têm esta distinção por necessária e subtil. O desprezo com que por vezes são bafejados quando o mundo os toma por pobres pedantes alheados da realidade, é quase sempre um erro de avaliação da natureza do seu trabalho. Julga-se a actividade do estudioso pela sua utilidade imediata. Porém, sempre que este critério da utilidade é unicamente encaminhado para a ideia de profissão, a Universidade perde necessariamente a criação como forma de comunidade. De facto, à estranheza hostil e à incompreensão da escola perante a vida — uma vida que precisa da ciência, da arte e da fé — responde muitas vezes a própria vida com uma recusa de todo o poder criativo que não se encontra imediatamente vinculado à profissão.

Como quer que seja, qualquer estudioso sabe que a finalidade da educação não pode ser exclusivamente profissional. E embora a própria profissão de ensinar se imponha inevitavelmente a todo aquele que aprenda genuinamente uma ciência, a profissão (ou o emprego) depende tão pouco da ciência que esta pode em muitos casos excluir aquela. É por isso que nenhuma experiência autêntica de dedicação e de devoção ao conhecimento terá lugar enquanto a Universidade puser no altar das suas mais elevadas esperanças o sacrossanto valor da segurança. Pela mesma razão, onde a ideia dominante da vida universitária é a profissão e o emprego, o *job*, não há, não pode haver, lugar para a ciência. E menos ainda pode existir e prevalecer o amor à ciência, como entrega e passagem do testemunho da vida e da experiência a uma geração mais nova, enquanto o espírito *criador* degenerar em espírito de *funcionário*, enquanto a vida espiritual criadora se encontrar asfixiada pela canga de uma burocracia profissionalizante irracional. Por isso, esta árdua e perigosa entrega à ciência e à juventude, deve prolongar-se no esforço consequente do discípulo que apanha a flecha do mestre e a lança, por sua própria conta e risco, para outro lado, a fim de que um terceiro a volte a apanhar. É precisamente o impulso de uma tal flecha que *deve* ser a raiz da sua criação.

Tal como a conceberam e imaginaram os seus fundadores, a organização da Universidade deve fundar-se na potencial produtividade dos seus estudantes. Isto significa que o estudante, de acordo com a sua determinação natural, deve, ele próprio, ser mestre e aluno: mestre, porque a sua produtividade consciente significa aqui uma independência absoluta; aluno, porque a sua alegria e reverência serão sempre para com a própria ciência antes de para com quem a ensina. Eis porque ele deve aprender a ciência dos seus professores sem, contudo, cair na sua profissionalização. Mas o estudioso é alguém que sabe como dedicar-se à tarefa do estudo. Por isso, a sua voz natural não é nunca nem a do pregador nem a do instrutor. Todos os estudiosos genuínos, uns mais do que outros, comunicam inevitavelmente, a quem seja capaz de o reconhecer, alguma coisa do que sabem acerca do modo como procurar o saber. Contudo, para que uma tal coisa suceda, exige-se-lhes que sejam algo mais do que meros funcionários da educação.

O professor, enquanto estudioso, jamais confunde a Universidade onde trabalha com um Instituto em que se ouve (e fala) apenas uma voz, o altifalante canónico técnico, e menos ainda com um Politécnico, no qual se ensinam apenas os maneirismos das vozes. Ele sabe que a educação pela qual luta consiste em aprender a escutar as pequenas vozes, tornando-se assim surdo aos altifalantes. Ele sabe que uma Universidade que seja digna de ostentar tal nome, a fim de minorar os efeitos destrutivos da passividade com que aí se transmite e recebe o saber, *deve* promover no seu seio uma cultura de conversação autêntica e humilde. Por isso, procura por todos os meios ao seu alcance incentivar o aluno a não confundir a educação com a esdrúxula preparação para uma profissão, com a aprendizagem dos truques de um ofício.

Consciente de que a educação é um comércio permanente com os maiores espíritos e um treino para a audácia que lhe exige uma ruptura completa com o ruído, com a pressa e com a ausência de pensamento, não ignora que ela é também uma preparação para a mais alta modestia. Assim, ele não confundirá *educação* — que tem que ver com seres humanos — com *funções*. É por isso que, como diz Michael Oakeshott, «O dom característico de uma Universidade é o dom de um intervalo. [...] Um período em que o estudante pode olhar para o mundo e para si próprio sem a sensação de ter atrás um inimigo ou sem a contínua pressão no sentido de se decidir; um momento em que pode saborear o mistério sem a necessidade de ter de procurar de imediato uma solução.» Por outras palavras, ele não tem de se preocupar, como dizia o outro, com o "ganhar a vida", pois que é a altura certa para saber que nasceu de graça.

Eventualmente, o tempo passado na Universidade poderá não o ter apetrechado muito eficazmente para "ganhar a vida", mas terá aprendido algo que o ajudará a prosseguir uma vida mais significativa, justamente a honra de uma vida com *espírito*. Como um dia disse Walter Benjamin: «O jovem viverá o espírito, e quanto mais difícil lhe seja conquistar algo grandioso, tanto mais facilmente encontrará o espírito na sua caminhada e em todos os homens. Aquele que está predisposto à experiência será amável como homem adulto. O filisteu, esse será sempre amargo e intolerante.»